

EMOÇÕES SUSCITADAS E EMOÇÕES EXPRESSAS: CONTRIBUIÇÕES DA RETÓRICA E DA LINGUÍSTICA DISCURSIVA PARA ANÁLISE DE UM VÍDEO-RESPOSTA¹¹

Helcira LIMA¹²

Introdução

A partir das considerações de Meyer (2008), em sua leitura da retórica clássica, entendo o *pathos* ou paixões como dizendo respeito ao que nos coloca em relação com o outro. Nesse sentido, ele se relaciona à alteridade, à alternativa, ao lugar do outro. Segundo o filósofo, os homens exercem sua liberdade, sua contingência própria, exprimindo suas diferenças, por isso não há como ignorar as paixões. Elas colocam em destaque nossa relação com o outro, jogo se dá em uma relação de aproximação e distanciamento. O si é constituído do conjunto de narrações que produzimos sobre nós mesmos; sermos nós equivale a impormo-nos como diferentes em relação aos outros, homogeneizados pela identidade do grupo, que transcendemos, mas também ao qual pertencemos.

Desse sentimento de pertença surgem manifestações apaixonadas de grupos sociais em relação a assuntos que envolvem crimes violentos, posições religiosas, debates políticos e, também, a assuntos que dizem respeito à vida privada de figuras midiáticas. No que concerne à última, a polêmica que envolve a publicação de biografias não autorizadas no Brasil interessa-me, sobremaneira, uma vez que coloca em destaque uma discussão sobre o tão complexo par opositivo “público/privado”, com suas complexas implicações políticas. No que nos toca mais diretamente, tal debate nos leva a pensar em como as paixões conduzem a construção argumentativa dos discursos

11 Parte do artigo será publicada com o título “As emoções e sua implicação na construção argumentativa” em: Eduardo Lopes Pires, Eduardo Lopes; Olímpio-Ferreira, Moisés. Discurso e argumentação: múltiplos enfoques. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

12 Professora nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Líder do grupo de pesquisa “Retórica e argumentação”, credenciado no CNPq (FALE/FAFICH). helciralima@uol.com.br.

que circulam sobre o assunto nos veículos de comunicação, através da voz de envolvidos direta ou indiretamente no debate. Desse modo, trata-se de pensar, a partir da análise de um vídeo-resposta, produzido pelo grupo “Procure Saber”, como se constrói argumentativamente as emoções e em que mecanismos linguístico-discursivos tal construção se sustenta. Pretendemos, assim, apresentar uma breve reflexão sobre a construção argumentativa das emoções, considerando-se a importância de determinados mecanismos linguísticos e, por consequência, o fato de que a Linguística tem muito a oferecer às pesquisas sobre o assunto, em seu diálogo com a retórica clássica e com a Análise do Discurso. Intentamos, ainda, refletir sobre o papel dos valores na construção argumentativa das emoções.

Emoções e Linguística

No terreno da Linguística os estudos sobre as emoções foram, de certo modo, silenciados ao longo dos anos, em especial, nas pesquisas pautadas em abordagens estruturalistas e gerativistas da língua. A cisão operada por Saussure excluiu sujeito, referente e história e, com isso, evidentemente, a possibilidade de se pensar em expressão de emoções na língua. As abordagens gerativistas, do mesmo modo, com razões e mecanismos distintos, também negligenciaram as emoções. Evidentemente, outros autores também contribuíram com esse silêncio: como a escola de Port Royal, de base cartesiana, por exemplo.

Algumas contribuições, ainda não suficientes para diminuir o preconceito em relação às emoções, lançaram algumas luzes, no percurso dos estudos da linguagem, sobre o assunto, entre as quais se destacam Charles Bally, com o *Tratado de Estilística Francesa* e Searle, com os atos expressivos, por exemplo.

Na atualidade, poderíamos destacar a importância de Kerbrat-Orecchioni, Plantin e Amossy no domínio da Linguística e da Análise do Discurso e Meyer, no domínio da filosofia, os quais atestam a importância de se estudar o papel das emoções no discurso e oferecem contribuições muito significativas.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2000), as emoções apresentam importantes problemas para a Linguística, os quais apontam para desafios (subjetividade, intencionalidade, entre outros). Em virtude disso, a relação que a Linguística estabelece

com as emoções é de esquiva, de fuga. Todavia, em uma posição contrária a de grande parte dos pesquisadores, a autora defende a importância de se estudar a expressão das emoções no discurso. Mesmo que os métodos dos linguistas (análise sintática, semântica/pragmática, análise conversacional, entre outras) não permitam que as emoções sentidas sejam estudadas, estas são lexicalizadas na língua, deixam traços nas escolhas lexicais (em termos de emoção, por exemplo), na organização sintática (posposição do sujeito, por exemplo) ou pragmática (atos expressivos, por exemplo), os quais são perceptíveis na fala e também nas condutas não verbais dos locutores (expressões faciais, variações do tom de voz, proxêmica). Tais traços são as manifestações emocionais que os linguistas devem descrever e analisar e é, segundo atesta Kerbrat-Orecchioni, o que foi ignorado por um longo tempo. Nesse sentido, seria possível estudar a emoção denotada em termos de valor axiológico (substantivos, adjetivos, quantificadores etc.), modalizadores, deslizamentos semânticos (“Isso não é uma Brastemp”), entre outros.

Plantin (2003), por sua vez, defende a ideia de que é possível argumentar emoções, visto que, quando os locutores se encontram em situação de conflito ou dissenso, podem procurar fundar a legitimidade de uma disposição afetiva. A formulação de um enunciado de emoção deve considerar, para o autor, as razões que sustentam a intencionalidade do discurso construído pelas respostas que buscam legitimar uma emoção. Plantin apresenta um modelo que almeja reconstruir o desenvolvimento das emoções na fala, com apoio especial da linguística (Kerbrat-Orecchioni, Wierzbicka etc.) e da psicologia (Scherer, Ungerer etc.).¹³

Amossy (2010) se mantém fiel ao projeto retórico e aborda as emoções pelo viés da retórica clássica, de modo a destacar a inter-relação entre *ethos*, *pathos* e *logos*. Para a autora, a cisão operada ao longo da história não procede e as emoções não podem ser dissociadas da razão. Nessa perspectiva, a análise argumentativa do discurso leva em conta o elemento emocional inscrito no discurso, em sua estreita ligação com a *doxa* do auditório e com os processos racionais que visam alcançar a adesão. A *mise en scène* e a verbalização, por exemplo, do sofrimento de um terceiro situado fora da interação, produzem um efeito patêmico que depende do tipo de troca na qual o sujeito se encontra engajado, assim como do dispositivo comunicacional que regula a troca. Para Amossy,

13 Em 2011, Plantin lançou a obra “*Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*”, na qual apresenta de forma mais detalhada os resultados de suas pesquisas sobre as emoções ao longo dos últimos anos.

(...) la rationalité au fondement de l'entreprise de persuasion ne suffit pas pour la soutenir. En effet, l'image projetée par l'orateur ne doit pas seulement susciter chez l'auditoire un jugement de valeur fondé en raison; elle doit aussi parler au coeur, elle doit émouvoir. (AMOSSY, 2008:117)

Assim como Amossy, Meyer (2007) também destaca a necessidade de se considerar a inter-relação entre as três provas. Segundo o autor, os diversos lugares conferidos às provas retóricas ao longo do tempo fizeram da retórica algo de contornos mal definidos e confusos, que parece não ter objeto próprio. Como encontrar unicidade? As três provas devem ser postas em pé de igualdade, se não quisermos cair em uma concepção que exclua as dimensões constitutivas da relação retórico-argumentativa.

É na tríade – *ethos*, *pathos* e *logos* –, segundo Meyer (2008), que se jogam as questões, as respostas e também sua formulação dentro de uma transação linguageira. Isto porque orador, auditório e linguagem são igualmente essenciais. A partir dessa premissa, o autor definirá a retórica como negociação da distância entre os indivíduos sobre uma questão dada. A “problematividade”, termo usado por ele, leva a uma melhor compreensão da retórica, uma vez que não discutimos sobre o que já está acordado. Discutimos sobre o que constitui um problema, sobre o que não é verdade absoluta, por isso podemos dizer que a retórica é o estudo da relação entre as perguntas e as respostas que abrangem o problema. A retórica trata da problematividade que afeta a condição humana, tanto nas suas paixões quanto nas suas razões e no seu discurso. Enfim, qualquer distância entre os homens precisa de uma justificativa.

Como tudo se faz na e pela linguagem, é nela que toda a construção argumentativa se realiza. É nela e através dela que negociamos a identidade e a diferença, a própria e a dos outros. Nesse sentido, a linguagem não é vista como transparente, mas ao contrário ela é opaca, conflituosa, tal como apregoam as bases da AD, em seu diálogo com a herança da retórica clássica. As relações de força estariam em jogo na construção de todo e qualquer texto, uma vez que “(...) c’est toujours dans un espace d’opinions et de croyances collectives qu’il tente de résoudre un différend ou de consolider un point de vue”. (Amossy, 2010:85).

É por isso que Amossy afirma ser a doxa referente a saberes ou evidências partilhadas, que constitui a base de toda construção retórico-argumentativa. Nesse mesmo sentido, Meyer (2008) salientará o papel do termo “valor”, definindo-o como o responsável por recobrir as identidades e as diferenças valorizadas socialmente. O fato

de a pureza e a inocência da criança serem valores a se preservar é o que condena a pedofilia, por exemplo.

A dignidade da vida se coloca em debate em casos de eutanásia, pena de morte, aborto e outros assuntos polêmicos de modo diferente em cada sociedade. O que determina essas diferenças tão essenciais e profundas? Nas comunidades arcaicas a identidade do grupo é um imperativo absoluto de reconhecimento mútuo e de sobrevivência do grupo. Essa identidade tem por corolário a rejeição à diferença e ainda hoje tenta resolver as ligações sociais de uma comunidade excluindo a diferença. O estranho é mal visto, o que não age como todo mundo, que não se veste como todo mundo e, ainda, o que não sente o que a maioria sente.

Como se pode observar nesse breve percurso, embora os estudos sobre o papel das emoções na construção argumentativa tenham sido negligenciados e até mesmo negados, pesquisas atuais atestam sua importância e colocam em cena abordagens teóricas distintas para lidar com essa problemática.¹⁴

Emoções e valores: notas sobre uma polêmica

Sem pretender desconsiderar o papel da dimensão da construção das imagens e da dimensão da construção discursiva (Lima, 2015),¹⁵ assim como a inter-relação entre

14 Para saber mais sobre o assunto, ver: Michelli (2010).

15 Entendemos que a dimensão *patêmica* relaciona-se à mobilização das emoções com fins persuasivos, mas também à expressão das emoções. Isto porque, embora o analista do discurso não disponha de instrumental para lidar com a emoção sentida, defendemos que, a partir da contribuição de autores como Wierzbicka (1999), Kerbrat-Orecchioni (2000), Plantin (2003, 2011), é possível analisar elementos concernentes à *expressão das emoções no discurso* ou, melhor dizendo, à *atribuição de emoções no discurso*.

A dimensão da *construção das imagens (de si e do outro)*, por sua vez, relaciona-se à ideia do *ethos* retórico, embora não se restrinja à construção da imagem de si no discurso. O outro – e a imagem que se constrói acerca dele – não se faz presente apenas como um destinatário ideal, mas, também, e, sobretudo, como um sujeito também construído no discurso. Trata-se de colocar em destaque a subjetividade, ou melhor, a intersubjetividade e a alteridade. Tal relação aponta para a própria definição de Retórica, defendida por Meyer (2008), como sendo negociação da distância entre os homens.

A terceira e última dimensão, nomeada em trabalhos anteriores, por falta de um termo melhor, de *demonstrativa* e agora denominada de *dimensão da construção discursiva*, foi pensada inicialmente como tendo como eixo o funcionamento da argumentação no Tribunal do Júri brasileiro, e como sendo relativa a um uso da linguagem sob as bases de uma racionalidade mais calculada. Isto não quer dizer que não haja racionalidade nas outras duas dimensões, mas sim que ela levaria em conta o recurso às provas técnicas, tais como laudos, documentos, fotografias etc., bem como uma organização do discurso voltada para o convencimento. Contudo, ao refletir sobre outros gêneros discursivos e sobre a interrelação entre as três dimensões, acreditamos ser necessário salientar que essa dimensão diz respeito também e, sobretudo, à construção discursiva, aos elementos usados na materialidade linguístico-discursiva que

as três dimensões, destacamos, agora, o papel das emoções a partir da leitura de alguns fragmentos de um vídeo-resposta, divulgado na internet pelo Grupo *Procure Saber*. Antes de iniciar a leitura, apresentaremos algumas considerações sobre o imbróglio que deu origem à produção do vídeo e à formação do grupo.

As origens do imbróglio

A controvérsia sobre a publicação de biografias não autorizadas no Brasil ganhou dimensão quando o cantor e compositor Roberto Carlos, em uma disputa judicial que visava a retirar de circulação a biografia “Roberto Carlos em detalhes”, saiu vencedor, em 2007. Esse evento gerou a resposta da Associação Nacional dos Editores de Livros (de agora em diante, Anel), que entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal contra os artigos 20 e 21 do Código Civil os quais protegem os biografados. Além desse evento, que suscitou calorosos debates, no dia 5 de outubro de 2013, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan e Erasmo Carlos, artistas de renome nacional e internacional, uniram-se a Roberto Carlos, fundando o grupo *Procure Saber*. O objetivo do Grupo, entre outros, é evitar a publicação de biografias não autorizadas, apoiando-se justamente nos artigos mencionados. Em uma posição oposta a destes artistas, a Anel argumenta que a norma contraria a liberdade de expressão e de informação, e pediu que o Supremo Tribunal Federal declare não ser preciso autorização do biografado para a publicação dos livros. Esse imbróglio acionou uma memória discursiva sobre a relação público/privado no Brasil e o fantasma da censura, de modo a suscitar apaixonados debates. A imagem de artistas, biógrafos, empresários e advogados foi construída e desconstruída nos textos publicados em veículos de grande circulação no país, como *Folha de São Paulo*, *O Globo* etc.. O tema gerou uma avalanche de artigos de opinião e entrevistas, entre os quais se destaca a divulgação do vídeo¹⁶, de quase cinco minutos, produzido pelo grupo *Procure Saber* em uma resposta às críticas recebidas por seus membros.¹⁷

amparariam a construção argumentativa (Lima, 2015).

¹⁶ O vídeo, editado por João Daniel Tikhomiroff, conhecido por seu premiado trabalho em publicidade e pela direção do longa-metragem “Besouro”, traz depoimentos de Roberto, Gil e Erasmo Carlos durante quase cinco minutos.

¹⁷ É importante mencionar que no dia 10 de junho do ano corrente, os ministros do Supremo Tribunal Federal deram um fim ao processo, votando a favor da publicação de biografias não autorizadas. Uma

A partir da apresentação das condições de produção do discurso, partiremos, agora, para uma breve reflexão tendo como fio alguns fragmentos transcritos do vídeo.

Uma breve leitura

A origem dos valores é, para Meyer (2008), a diferença e mesmo um conjunto essencial de diferenças essenciais, responsáveis por fundar a vida em grupo, sem as quais a vida não seria possível. Entretanto, destaca o autor, a identidade do grupo, justamente por refletir algo comum àqueles membros, rejeita toda diferença. Isto porque, por definição, a diferença e a identidade são realidades contraditórias. São essas diferenças essenciais referentes à vida e à morte, ao respeito aos pais e às crianças, às relações entre homens e mulheres que tornam possível a família e a pátria, por exemplo. Para tornar essas diferenças intocáveis em um mundo definido pela identidade é preciso *sacralizá-las*: “Le sacré est ce que l’on met à distance: Il protège, mais Il est aussi dangereux et terrifiant, exigeant et redoutable” (Meyer, 2008:192).

Ciente disso, em uma empreitada de persuasão, os sujeitos, ao mobilizarem os saberes partilhados, opiniões comuns, valores que eles reúnem, anulam o efeito de distanciamento em relação ao auditório. Há, assim, um desejo de se eliminar a incerteza no nivelamento, no qual cada um se acomoda no papel de espelho do outro.

Isto parece ser o que acontece no caso da polêmica instaurada sobre as biografias no Brasil, pois há um desejo de se proteger a vida privada, evitar o embate e a aparição de diferenças. Talvez haja um receio de mostrar algo que pode não ser aceito pelo Grupo. Na resposta dada pelo *Procurador Sabido*, parece haver um movimento para diminuir a diferença, a distância entre eles e o auditório, que, nesse caso, abrange a opinião pública de um modo geral.

As emoções são essenciais a esse embate, pois é através delas que as distâncias são negociadas. A identidade dos grupos é constituída pelos valores que são comuns aos sujeitos e os transcendem também. Todavia, é importante salientar que não entendemos esses valores como naturalmente comuns, mas sim como historicamente construídos para parecerem naturais.

fala da Ministra Carmem Lúcia merece atenção por refletir o rechaço à censura que poderia advir em caso de uma possível proibição: “Censura é uma forma de calar a boca. Cala a boca já morreu. É a Constituição brasileira que garante”.

Na polêmica sobre as biografias, o que se nota é que a imagem da vida privada, da intimidade, de alguma maneira, foi construída como algo sagrado e, por isso mesmo, intocável por parte dos defensores das ideias do *Procure Saber*. Esse processo de sacralização incita a uma escamoteação da importância do debate sobre a problemática relação entre público e privado no Brasil, além de visar à produção de determinados efeitos patêmicos no auditório. O privado é apresentado como algo ligado a mais profunda intimidade do sujeito, algo que deve ser preservado, enquanto que o público é construído como o que pode ser visto, mostrado e explorado, sobretudo pela mídia, embora a polêmica se trate da publicação de textos biográficos. É o que se nota na seguinte passagem do texto-resposta do grupo *Procure Saber*:

Nunca quisemos exercer qualquer censura; ao contrário, o exercício do direito à intimidade é um fortalecimento do direito coletivo. (...) Só existiremos enquanto sociedade se existirmos enquanto pessoas.

Na passagem em destaque, a estrutura da negação “nunca... (mas) ao contrário...” aponta para um pseudoato de retificação¹⁸, que visa à reconstrução da face do locutor. Não se trata de um ato de retificação no molde padrão, porque o segundo enunciado da estrutura não retifica o conteúdo do primeiro, mas sim apresenta outro argumento que seria aquele defendido pelo grupo.

Nesse caso, temos o item lexical “censura” negado no enunciado 1 em uma suposta relação de oposição à “intimidade”, item presente no enunciado 2. Porém, a defesa à intimidade não se coloca em uma relação de contradição ou contrariedade em relação à censura. Na verdade, a defesa da intimidade está ligada, nesse caso, à mesma rede semântica da censura: não à censura levaria a “sim à liberdade”, mas, nesse caso, não à censura, leva a “sim à intimidade”. Dessa maneira, no lugar de um enunciador que nega a privação da liberdade decorrente da censura, temos uma voz que, de certa maneira, a autoriza.

O privado, assim, passa a ser esse lugar da intimidade, mas, nesse caso, não como alternativa às relações massificadas e sim como forma de proteção de interesses pessoais, o que se nota na seleção do item lexical “pessoas”. Tal termo se associa à rede semântica do “pessoal”. Nesse caso, talvez, se o item “indivíduos” fosse usado, a

18 Moeschler (1982) assim define o ato de retificação: ele incide sobre um simples constituinte do enunciado rejeitado e corresponde aos enunciados negativos, nos quais o foco é indicado por um encadeamento que se dá sobre a enunciação negativa. Sua estrutura formal é bastante estável, necessitando da presença de um conjunto antonímico que possua as propriedades seguintes: (i) possa ser introduzido pelo conector pragmático “mas”. Nesse sentido, o conector “mas” é um marcador indicativo de retificação.

(ii) conserve uma relação de oposição semântica (contradição ou contrariedade).

associação com o termo “individual” pudesse ser vista de uma maneira ainda mais negativa.

De acordo com Hanna Arendt (2003), a consequência imediata das mudanças pelas quais a modernidade passou em relação ao trabalho e as consequentes mudanças em relação ao par opositivo público e privado é que a vida e a necessidade assumem lugar central da questão política, reduzindo cada vez mais a política ao campo das necessidades. Como consequência dessas relações, a esfera da vida privada se tornou a única preocupação comum que restou. O fragmento abaixo parece ser ilustrativo dessa problemática:

Por acreditar nesta fantástica conquista do direito à intimidade é que colocamos nossa cara a tapa, com todo respeito, no entanto, à liberdade de informação. Nossa vida é nossa melhor defesa.

O uso da modalidade, que sinaliza um trabalho com a face, regula a entrada em cena dos sujeitos participantes e o jogo de forças que se instaura nessa encenação. Ao colocar em destaque a expressão “com todo respeito”, os sujeitos não só protegem a própria face, mas também resguardam a face do outro. A seleção lexical “fantástica conquista” aponta para a rede sónica da luta pela liberdade, o que traz à cena a memória da ditadura, ressignificada, nesse caso.

Nesse perigoso jogo entre relações públicas e privadas, talvez o que incomodou mais e incitou a publicação de tantos artigos de opinião seja uma ambiguidade própria à vida dos artistas, o que faz com que a manifestação pública predomine sobre a privada em determinados momentos. Momentos em que se mesclam paixões variadas e que não é fácil manter o controle da distância em relação ao outro. Além disso, o debate foi mediado por múltiplos interesses da mídia e os fatos foram noticiados exaustivamente.

As críticas que recaíram sobre o *Procure Saber* podem ser pensadas em sua relação com um medo que assombra a mídia desde sempre: qualquer coisa que aponte para a regulação, para o controle da informação pode desencadear na censura. Ademais, é importante lembrar algo inegável: a vida de pessoas públicas tem uma dimensão pública. A respeito disso, Souza (2011:29) afirma que “O mercado de notícias sensacionalistas do mundo globalizado opera, portanto, a diluição gradativa das esferas pública e privada, graças ao enfraquecimento dos valores que definiriam os seus componentes”.

Disso resulta que a vida dos artistas é esmiuçada em jornais e revistas, os quais se valem do desejo do público de se aproximar do “star” e o sustentam com elementos

que, ao suscitarem paixões diversas, criam a ilusão de diminuir a distância que separa o admirador de seu ídolo. A relação é complexa, porque, ao mesmo tempo em que a mídia cria e recria informações de cunho íntimo – o que é recriminado e alvo de processos –, em uma tentativa de nunca cair no esquecimento, estes mesmos artistas alimentam a mídia de informações sobre sua vida privada a fim de fomentar esse desejo pelo que é escondido, íntimo, proibido.

É relevante lembrar que o argumento usado vai contra a própria defesa do grupo: “nossa vida é nossa melhor defesa”. Se a vida deles é pública como defender a privacidade desse modo?

Nós estamos onde sempre estivemos: pregando a liberdade, o direito às ideias, o direito de sermos cidadãos que têm uma vida comum, que têm família e que – acreditem – sofrem e amam, às vezes a dois ou na solidão, sem compartilhar com todos, momentos que são nossos.

No 3º fragmento em destaque, o termo “família” surge como um valor. Na verdade, trata-se de um dos valores mais fortemente evocados na argumentação do *Procurer Saber* e que ainda constitui um elemento forte na cultura brasileira, apesar de todas as mudanças pelas quais nossa sociedade vem passando. Mesmo com a modificação da estrutura basilar da família (mãe, pai e filho), ainda assim ela se apresenta como um valor, um cimento social. Além disso, o *ethos* prévio de sujeitos que lutaram contra a ditadura brasileira e a toda forma de repressão é resgatado, de modo a minimizar o peso das afirmações divulgadas pelo Grupo. A relação entre liberdade e privacidade é apoiada por termos de emoção: “sofrem, amam, solidão”. Tais termos funcionam como “detonadores de emoção”. Se não há como defender a liberdade de expressão e o direito de impedir a divulgação de fatos de sua vida a partir de outros argumentos, a construção pela emoção funcionaria como o recurso necessário e adequado à demanda do momento. Isto porque, na verdade, os defensores da proibição estão longe de serem cidadãos comuns. Optaram pela vida artística! É o pacto!

Ao se referir à polêmica sobre a censura por parte de determinados biografados, a historiadora Heloisa Starling, juntamente com Lilia Moritz Schwarcz, retomando Sérgio Buarque de Hollanda, afirma que

No Brasil, a vida privada ocupa ainda hoje o papel de nossa principal referência. A interpretação mais frequente desse fenômeno aposta na ideia de que a ancoragem no privado é sinal de maturidade democrática. O suposto é que essa expansão democrática se sustenta em direitos e, uma vez que os

direitos são respeitados, não há motivo para maior preocupação. (Starling e Shchwarz, 2003:1)

Para as pesquisadoras, com tudo isso, Sérgio Buarque de Hollanda talvez se espantasse com a maneira como o homem cordial reapareceu na agenda do dia, disposto a marcar o debate sobre o tema das biografias e a reivindicar para suas demandas e desejos individuais o amparo da lei.

Como a premissa filosófica da cordialidade é a supervalorização da intimidade, o medo da violação parece ser o mote do desejo da interdição, da proibição das biografias sem consentimento – a despeito dos interesses financeiros em pauta. Quais seriam os receios do grupo? O que estaria próximo o suficiente para incitar o medo da violação? O que não poderia ser visto, lido, conhecido? Para Aristóteles (2003 [s.d.]), só os males que podem nos causar mágoas profundas e estão próximos de nós podem nos provocar medo. O medo aponta para uma imagem negativa do outro que suscita essa paixão. Segundo o filósofo, tememos os fortes e não os fracos.

O fato é que o direito à preservação da intimidade não se mostrou suficiente no caso das biografias, uma vez que elas possuem uma importância capital à história do país. O argumento tão destacado pelo *Procurer Saber*, que coloca a família como elemento intocável, da mais alta intimidade do sujeito, poderia fazer valer a afirmação de Meyer (2008) de que se convence mais facilmente alguém se a vida ou a família é colocada em questão. Porém, nesse caso, nem mesmo a família, elemento importante na escala de valores que podem patemizar o discurso, mostrou-se suficiente para acalmar os ânimos alterados pelo medo da possibilidade de censura. O medo aqui aparece na posição contrária. É por isso que podemos dizer que as paixões passam por um processo de construção de imagens de si e do outro: as paixões apontam para o “como me vejo”, “como vejo o outro” e “como imagino que o outro me vê”.

No último fragmento em destaque, nota-se uma tentativa de se construir uma perfil positivo dos membros do grupo de modo a apagar ou, no mínimo, a minimizar a imagem de “censores”, tão destacada pela mídia e de modo também a construir argumentativamente outras emoções ou, como afirma Plantin (2003), de modo a argumentar outras emoções. Para tanto, mais uma vez o outro/a família aparece como bem maior, algo a ser preservado. Usa-se, ainda, o recurso à expressão da emoção para suscitar emoção. É o que reza o catecismo retórico: *mostre-se emocionado para emocionar mais*.

Nós somos artistas, passamos a vida a tentar interpretar o sentimento das pessoas, ou, ao menos, a desnudar os nossos. Passamos a vida inteira a falar de amor e do amor. Nem por isto somos experts no assunto. Falamos com sinceridade e com emoção, tentando ser simples e tentando representar, com alguma leveza, a alma das pessoas que nos acompanham ao longo do tempo.

Ao destacar o amor, que se trata de uma paixão que elimina a distância entre os sujeitos, que é o lugar da conjunção, atrelada a um *ethos* de sinceridade e humildade, o Grupo pode tecer uma trama que o apresenta como vítima e não como algoz. Isto porque as paixões suscitadas aparecem como respostas às representações dos outros, de modo a operar como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age em mim. Por isso, pode-se afirmar que identidade e diferença, supostas ou reais, é o que parece governar a estrutura aristotélica das paixões. A resposta do grupo *Procure Saber* é uma resposta apaixonada nesse sentido, ela é regida pela lógica das paixões já que esta se trata de uma “lógica das consequências: tanto daquelas que não queremos como das que queremos, e daquelas com que nos ofuscamos mais ou menos intencionalmente” (Meyer, 1998:145).

Para concluir, é preciso afirmar, com Meyer (2008), que, para encontrar certa harmonia nos valores em jogo e em sua relação com as paixões, é preciso realizar a circulação social ou cada um ser o outro, o que coloca em jogo o risco de perder o próprio lugar... Talvez seja essa a lição que a retórica deixa ao debate sobre a publicação de biografias. Ou talvez ela afirme o contrário, por mostrar, por outro lado, a impossibilidade de se encontrar uma única via, já que a linguagem em si incita ao jogo.

Ademais das considerações já feitas por nós, pode-se notar, nessa breve leitura, que é possível desenvolver um estudo profícuo sobre o papel das emoções no terreno da Linguística e, mais ainda, não se pode ignorar a importância destas na construção discursiva. Elementos verbais que orientam argumentativamente o discurso, como seleção lexical (termos de emoção, detonadores de emoção), redefinições, dissociações e deslizes semânticos, modalização, implícitos, polidez, entre outros, atestam a importância desse diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aristóteles. 1998. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 14ª Ed. Rio de Janeiro: ediouro.

Aristóteles. 2003. *Retórica das paixões*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes.

Amossy, Ruth. 2010. *L'argumentation dans le discours*. Discours politique, littérature d'idées, fiction. 3.ed. Paris: Armand Colin.

Amossy, Ruth. 2008. Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. In: Rinn, Michael (org.). *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Arendt, Hanna. 2003. *A condição humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Carrilho, Manuel Maria. 1999. Les racines de la rhétorique: l'antiquité grecque et romaine. In: Meyer, Michel (dir.) *Histoire de la rhétorique*. Des grecs à nos jours. Paris: Librairie Générale Française, p. 17-82.

Charaudeau, Patrick. 2005. *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris, Vuibert.

Curtius, Ernest Robert. 1956. *La littérature européenne et le Moyen Age latin*. Trad. francês. Paris: PUF.

Ducrot, Oswald. 2004. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In: Doury, Marianne, Moirand, Sophie (éds). *L'argumentation aujourd'hui*. Positions théoriques en confrontation. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, p. 17-34.

Fiorin, José Luiz. 2014. *Argumentação*. São Paulo: Contexto.

Gnerre, Maurizio. 2001. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes.

Guimarães, Eduardo. 1987. *Texto e argumentação. Um estudo das conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

Kerbrat-Orecchioni, Catherine. 2000. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XX siècle? Remarques et aperçus. In: Plantin, C., Doury, M., Traverso, V. *Les émotions dans les interactions*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p.33-74.

Lima, Helcira Maria Rodrigues de. 2006. *Na tessitura do Processo Penal: a argumentação no Tribunal do Júri*. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

Lima, Helcira Maria Rodrigues de. 2017. Emoções e discurso: notas sobre a vergonha. In: Chauvin, Jean-Pierre (org.). *Interfaces*. SP: Editora Mackenzie.

Meyer, M. 2007. *A retórica*. São Paulo: Ática.

Meyer, M. 2008. *Principia rhetorica*. Une théorie générale de l'argumentation. Paris: Fayard.

Micheli, R. 2010. *L'émotion argumentée*. L'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français. Paris: CERF.

Moeschler, Jacques. 1982. *Dire et contredire*. Pragmatique de la négation e acte de réfutation dans la conversation. Berne, Frankfurt: M. Peter Lang, 1982.

Mosca, Lineide do Lago Salvador (org.). 2004. *Retóricas de ontem e de hoje*. 3ª Ed. São Paulo: Associação editorial Humanitas.

Moura, H. M. M. 1998. *Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot*. D.E.L.T.A., vol.14, nº.1. Florianópolis, ABRALIN/UFSC.

Osakabe, Haqira. 1979. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós.

Perelman, C. & Olbrechts-Tyteca, L. 1996. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Toulmin, Stephen Edelston. 1958. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press.

Plantin, Christian. 1996. *L'argumentation*. Paris: Éditions Seuil.

Plantin, Christian. 2003. Structures verbales de l'émotion parlée et de la parole émue. In: Colleta, Jean-Marc & Tcherkassof, Anna. *Les émotions: cognition, langage et développement*. Belgique: Pierre Mardaga.

Reboul, Olivier. 1998. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

Souza, Enedia Maria de. 2011. *Janelas indiscretas*. Ensaio de crítica autobiográfica. Belo Horizonte: UFMG.

Starling, Heloisa & Shscwarcz, Lilia Moritz. 2003. Medos privados em lugares públicos. São Paulo: Folha de São Paulo/Ilustríssima, 03/11/2003.

Eemeren, Frans H. van & Houtlosser, Peter. 2004. Une vue synoptique de l'approche pragma-dialectique. In: Doury, Marianne, Moirand, Sophie (éds). *L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, p. 45-75.